

PMDB X ANC

'Históricos' e 4 anos devem perder no Diretório do PMDB

CLÓVIS ROSSI

Enviado especial de Brasília

O grupo "histórico" do PMDB deve ser derrotado nas votações sobre a duração do mandato do presidente José Sarney e o afastamento ou não do governo, durante a reunião do Diretório Nacional do partido, que será convocada para o próximo dia 3, e, em consequência, abandonará em bloco o PMDB, conforme ficou virtualmente acertado nas reuniões prévias ao encontro do grupo realizado ontem.

A derrota dos "históricos" emerge com clareza das contas feitas ontem para a Folha por um dos principais líderes do grupo, que tem a vantagem de ser o homem que mais conhece as entranhas peemedebistas, por seus cargos no Diretório e na Executiva. Por essas contas, os "históricos" contam, como certos, apenas 48 votos, dos 120 membros do Diretório Nacional.

Mesmo na hipótese otimista de que os nove integrantes da cúpula peemedebista sobre cuja posição não se tem segurança absoluta votem com os "históricos", estes chegariam a 57, perdendo por uma diferença de seis votos.

O Diretório é composto por 119 titulares e mais os dois líderes partidários, o da Câmara e o do Senado, mas fica em 120 membros porque Fernando Henrique Cardoso, líder no Senado, já é membro titular do Diretório.

Há ainda três hipóteses que podem modificar o quadro, em favor dos "históricos": a mais decisiva seria uma mudança de posição dos governadores até agora favoráveis aos cinco anos; a menos relevante numericamente seria o engajamento do presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, ao lado dos "históricos"; e a mais imponderável é pressão da opinião pública sobre os dirigentes partidários.

São 11 os governadores que fazem parte do Diretório, sete deles favoráveis aos cinco anos de mandato para o presidente José Sarney. Se passarem em bloco para os quatro anos, arrastarão outros integrantes do Diretório, a eles ligados, invertendo os números da votação. Só o governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, que não é membro do Diretório, levaria quatro votos dos cinco para os quatro anos, se mudasse de posição.

Ulysses Guimarães, por sua vez, tem pelo menos seis votos no Diretório pendentes de sua orientação pessoal. Se os "históricos" atraírem os nove cuja posição não é definitiva nem para um lado nem para o outro e contarem com os fiéis de Ulysses, chegariam, portanto, a 63 votos, dois

Números do Diretório do PMDB

A favor dos históricos:

1 — Franco Montoro (SP); 2 — Gonzaga Mota (CE); 3 — Hélio Garcia (MG); 4 — José Richa (PR); 5 — Wilson Martins (MS); 6 — Renato Archer (MA); 7 — Chagas Rodrigues (PI); 8 — Martins Filho (RN); 9 — Antônio Mariz (PB); 10 — Egídio Ferreira Lima (PE); 11 — Fernando Lyra (PE); 12 — Maurílio Ferreira Lima (PE); 13 — Miguel Arraes (PE); 14 — Osvaldo Lima Filho (PE); 15 — José de Oliveira Costa (AL); 16 — Renan Calheiros (AL); 17 — João Seixas Dória (SE); 18 — Francisco Pinto (BA); 19 — Jorge Medauar (BA); 20 — Jutahy Magalhães (BA); 21 — Roberto Santos (BA); 22 — Rômulo de Almeida (BA); 23 — Waldir Pires (BA); 24 — José Ignácio Ferreira (ES); 25 — Márcio Braga (RJ); 26 — Maria da Conceição Tavares (RJ); 27 — Raphael de A. Magalhães (RJ); 28 — Wellington Moreira Franco (RJ); 29 — Carlos Mosconi (MG); 30 — Cássio Gonçalves (MG); 31 — Edgar da Matta Machado (MG); 32 — José Ulysses de Oliveira (MG); 33 — Elizabeth Bello de Araújo (SP); 34 — Fernando Henrique Cardoso (SP); 35 — Joaquim dos Santos Andrade (SP); 36 — Luiz Carlos Bresser Pereira (SP); 37 — Mário Covas (SP); 38 — Dante de Oliveira (MT); 39 — Plínio Martins (MS); 40 — Euclides Scalco (PR); 41 — Hélio Duque (PR); 42 — Roberto Requião (PR); 43 — Anita Pires (SC); 44 — João Gilberto (RS); 45 — Jorge Uequed (RS); 46 — Júlio Costamilan (RS); 47 — Odacir Klein (RS); 48 — Néelson Carneiro (RJ).

Incertos:

1 — João Agripino Filho (PB); 2 — Mário Kertész (BA); 3 — Myrthes Beviláqua (ES); 4 — Raul Belém (MG); 5 — Marcos Pereira (SP); 6 — Carlos Bezerra (MT); 7 — João Eliseo Ferraz de Campos

(PR); 8 — Walnor de Luca (SC); 9 — Paes de Andrade (CE).

Contra os históricos:

1 — Ulysses Guimarães (SP); 2 — Ângelo Angelim (RO); 3 — Gerson Camata (ES); 4 — Gilberto Mestrinho (AM); 5 — Jader Barbalho (PA); 6 — José Aparecido (DF); 7 — Nabor Júnior (AC); 8 — Onofre Quinan (GO); 9 — Celso Saleh (AP); 10 — Sílvio Leite (RR); 11 — Jerônimo Santana (RO); 12 — Orestes Muniz (RO); 13 — Geraldo Fleming (AC); 14 — Carlos Alberto de Carli (AM); 15 — Carlos Vinagre (PA); 16 — Hélio Gueiros (PA); 17 — Romero Ximenes (PA); 18 — Vicente Queiroz (PA); 19 — Cid Carvalho (MA); 20 — Alberto Silva (PI); 21 — Heráclito Fortes (PI); 22 — Manuel Viana (CE); 23 — Mauro Benevides (CE); 24 — Aluizio Alves (RN); 25 — Humberto Lucena (PB); 26 — Djalma Falcão (AL); 27 — José Carlos Mesquita Teixeira (SE); 28 — Carlos Sant'Anna (BA); 29 — João Calmon (ES); 30 — Celso Furtado (RJ); 31 — Dasso Coimbra (RJ); 32 — Denisar Arneiro (RJ); 33 — João Herculino (MG); 34 — Joaquim de Melo Freire (MG); 35 — Júnia Marise (MG); 36 — Marcos Lima (MG); 37 — Milton Reis (MG); 38 — Tancredo Augusto Neves (MG); 39 — Almir Pazzianotto (SP); 40 — Roberto Cardoso Alves (SP); 41 — Del Bosco Amaral (SP); 42 — Osvaldo de Oliveira Ribeiro (SP); 43 — Pacheco Chaves (SP); 44 — Paulo Zarzur (SP); 45 — Fernando Cunha (GO); 46 — Henrique Santillo (GO); 47 — Iris Rezende (GO); 48 — Iturival Nascimento (GO); 49 — Juarez Bernardes (GO); 50 — José Garcia Neto (MT); 51 — Rubem Figueiró (MS); 52 — Paulo Brossard (RS); 53 — Alvaro Dias (PR); 54 — Jayme Canet Junior (PR); 55 — Walber Guimarães (PR); 56 — Antônio Marinaldo Reineli (SC); 57 — Neuto Fausto de Conto (SC); 58 — Pedro Simon (RS); 59 — Lelio Souza (RS); 60 — Celso Sabóia (PR); 61 — Ibsen Pinheiro (líder na Câmara); 62 — Enéas Faria (PR); 63 — Saldanha Derzi (MS).

a mais do que a maioria absoluta exigida pelos estatutos para a tomada de deliberações.

Por isso mesmo, os "históricos" trabalham com as duas hipóteses: ganhar e ficar ou perder e sair. Nas reuniões da semana passada em Brasília, todas as grandes lideranças do grupo concordaram em que a saída do partido é inevitável, se forem derrotados. São eles: os senadores Mário Covas (SP), Fernando Henrique Cardoso (SP) e José Richa (PR), os deputados Euclides Scalco (PR) e Pimenta da Veiga (MG) e o ex-governador de São Paulo André Franco Montoro.

É tão presente a idéia de deixar o PMDB que já estão se desenvolvendo conversações com alguns parlamentares do PFL, para levá-los ao eventual novo partido. Dois nomes já aceitaram a idéia, em princípio: os deputados Alcení Guerra (PR) e Saulo Queiroz (MS), secretário-geral do PFL. José Thomaz Nonô (AL) pode ir também para o novo partido, dependendo da posição que adotar o

governador de seu Estado, Fernando Collor de Mello, adversário de Nonô e aliado dos "históricos".

O ex-ministro da Fazenda Dilson Funaro também se incorporará à nova agrupação, se Covas aderir a ela. No final do ano passado, Funaro comprometeu-se com Covas a acompanhá-lo em qualquer circunstância. Essa promessa abre a perspectiva de que Funaro seja o candidato da nova agrupação à Prefeitura de São Paulo, na medida em que o ex-ministro é favorito do "covismo" para disputar a Prefeitura paulistana até pelo PMDB, no qual Funaro enfrenta, entretanto, o veto determinante do governador de São Paulo, Orestes Quércia.

As eleições municipais, aliás, conferem pressão à decisão dos "históricos". Para poderem armar o partido, eles precisam de candidatos pelo menos às Prefeituras das grandes e médias cidades do país e, por isso mesmo, têm que definir seus rumos logo, para que seus aliados municipais façam a mesma coisa.



Ulysses despede-se de Covas, Scalco, Cardoso e Serra à porta de sua casa, após reunião da cúpula do PMDB, em Brasília

Ulysses queria Sarney 'um pouquinho melhor'

"Pois é, se o Sarney fosse um pouquinho melhor, não estaríamos numa situação tão ruim."

Esse desabafo pertence a Ulysses da Silveira Guimarães, 71, presidente do PMDB, da Câmara e do Congresso constituinte, e foi feito no fim da tarde de sábado, depois de ter sido informado dos resultados da reunião que o grupo dito "histórico" de seu partido realizara na manhã do mesmo dia.

A queixa de Ulysses reflete a preocupação que lhe causou a reunião dos "históricos" e a decisão dela nascida de convocar o Diretório Nacional do PMDB para o dia 3 de fevereiro, para discutir a duração do mandato do presidente José Sarney e o afastamento do governo, temas que dividem um partido que Ulysses conseguiu manter unido ao longo dos 18 anos em que o preside.

Ocultação

Ainda assim, Ulysses ocultou cuidadosamente a sua inquietação dos peemedebistas "históricos" que, na tarde de sábado, foram em comitiva à sua casa para relatar o que ocorrera na reunião da manhã. Os senadores Fernando Henrique Cardoso (SP), Mário Covas (SP) e José Richa (PR) e os deputados Antônio Britto (RS) e Pimenta da Veiga

(MG) não conseguiram extrair de Ulysses uma só palavra indicativa dos rumos que o presidente do partido pretende seguir.

"Vamos ver, vamos estudar", foi tudo o que Ulysses disse a respeito da decisão dos "históricos" de convocar o Diretório. Mas o interesse pela questão revelou-se nos detalhes: Ulysses tentou saber quantos membros do Diretório e quais, exatamente, já haviam assinado o requerimento pedindo a convocação.

Mais ainda: fez perguntas que indicavam que já havia sido informado de tudo o que ocorrera na reunião matinal. E sabia mesmo: tinha conhecimento até do teor exato da nota oficial dela extraída, embora, oficialmente, o grupo de "históricos" a estivesse entregando naquele instante.

"A coisa é séria"

Os interlocutores de Ulysses acabaram contribuindo para a inquietação de Ulysses: "A coisa é séria, dr. Ulysses. Tem gente que sai do partido se não houver a reunião", disse-lhe Fernando Henrique. Nem assim Ulysses forneceu pistas sobre o que fará. No dia seguinte (ontem), um grupo ainda mais numeroso de peemedebistas "históricos" esteve com Ulysses, desta vez para discutir

as emendas a serem apresentadas ao plenário da Constituinte.

Passaram cinco horas juntos, almoçaram feijoadas e saíram de novo sem uma indicação do que vai pela cabeça do presidente do partido. Covas chegou a provocar, durante o almoço: "O dr. Ulysses é o único dos que estão aqui que não foi ontem à reunião", disse. Silêncio de parte do anfitrião.

Silêncio de novo

O deputado Euclides Scalco (PR) provocou mais ainda: "Vai ver que foi o dr. Ulysses que pediu ao Roberto Marinho para não dar nada sobre a reunião no 'Jornal Nacional' de sábado" (referindo-se ao fato de que o principal telejornal da Rede Globo, presidida por Marinho, sequer mencionou o encontro dos "históricos"). Silêncio de novo.

Covas e Scalco não vão desistir: hoje, eles procuram Ulysses para uma conversa séria sobre a reunião do Diretório. Os dois, pelo que a Folha apurou, estão temerosos de que os "históricos" percam as votações na reunião do dia 3 e, por isso, querem que Ulysses se defina de uma vez, a favor deles, naturalmente, para mudar o rumo das coisas.

(Clóvis Rossi)

Moreira apóia propostas da centro-esquerda

Da Sucursal do Rio

O governador do Rio, Moreira Franco, afirmou ontem, em nota oficial distribuída por sua Secretaria de Comunicação Social, discordar da proposta dos "históricos" do PMDB que, em sua reunião de sábado, em Brasília, estabeleceram um prazo de 30 dias para o rompimento do partido com o governo José Sarney. Na nota, Moreira Franco diz, porém, concordar com as outras cinco propostas do documento dos "históricos": aprovação rápida da nova Constituição; eleições presidenciais em 1988; preenchimento das vagas da direção partidária por representantes "fiéis à linha programática"; elaboração de uma plataforma para o candidato do PMDB à Presidência; e repúdio aos peemedebistas que se afastaram dos compromissos assumidos na última convenção do partido.

Para Moreira Franco, o rompimento em 30 dias com o governo Sarney —que, para os "históricos", deveria ser formalizado em reunião do diretório nacional do partido— "não é a questão que deve mobilizar a capacidade de formulação e organização do PMDB. Temos que definir nossas



O governador Moreira Franco

posições, a partir de nossas decisões previamente tomadas, as outras questões virão".

Moreira disse também que o partido deve preocupar-se em consolidar a unidade entre seus segmentos de centro e esquerda.

A nota —redigida em forma de notícia jornalística— repudia também "as forças reacionárias" do partido, em outra referência aos membros do PMDB que se alinharam ao "Centrão" (grupo suprapartidário que atua no Congresso constituinte).

O governador do Rio disse também que "a transição acabou" e que o país vive "a pior crise de sua história". Para ele, "o PMDB precisa elaborar um plano de ação que qualquer cidadão possa entender e discutir". Moreira disse também que a discussão em torno de nomes de candidatos à Presidência "é válida porque aprofunda o debate e ajuda o partido a, unido, pensar melhor a sucessão presidencial".

Quércia

O governador de São Paulo, Orestes Quércia, disse ontem, que "respeito a decisão dos históricos, mas o grande esforço deve ser pela unidade do partido e aprovação imediata da Constituição". Quércia disse ainda que Ulysses Guimarães, "como presidente do partido, saberá conduzir o processo de convocação ou não do Diretório Nacional".

Newton diz que Ulysses é candidato do PMDB

Da Sucursal de Belo Horizonte

O governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, concorda com seu colega Orestes Quércia, de São Paulo: se a eleição presidencial ocorrer ainda neste ano, o candidato do PMDB deverá ser o deputado Ulysses Guimarães, presidente do partido, da Câmara e do Congresso constituinte. "Em 88 só teria um nome, o do Ulysses. Não vejo no PMDB nenhum nome para aglutinar forças. Esses históricos, pré-históricos e futurólogos do partido só terão um nome para apoiar neste ano, que é o do Ulysses", declarou Newton ao desembarcar, ontem, em Belo Horizonte, retornando de uma viagem de oito dias ao Nordeste.

Newton voltou a admitir a possibilidade de abandonar a defesa do mandato de cinco anos para o presidente Sarney, condicionando-a ao resultado da reunião de governadores que ele irá patrocinar no próximo dia 19, em Belo Horizonte. "Se os governadores quiserem seis anos, cinco anos, três anos ou eleições já, tudo bem", declarou. Indagado se poderia rever sua posição cincoanista, afirmou: "Desde



Newton Cardoso, governador de Minas

que meus pares estejam contra os cinco anos."

O governador negou que a reunião do dia 19 tenha o objetivo de esvaziar o movimento dos "históricos" do partido ou de se contrapor a ele, afirmando que "esse movimento

acabou ontem". Na véspera, os chamados "históricos" haviam decidido, em Brasília, convocar o diretório nacional do PMDB para se pronunciar sobre a data da eleição presidencial, o afastamento do governo e a disputa com o grupo suprapartidário Centrão.

Newton não se opôs à convocação do diretório —"acho que o PMDB deve estar numa permanente assembleia"—, mas voltou a condenar a articulação dos "históricos", que, a seu ver, "não leva a nada". Para Newton, "não é hora de separação, de criar grupos dentro do PMDB."

Do aeroporto, o governador dirigiu-se ao Palácio das Mangabeiras, sua residência oficial, onde almoçou com o ministro do Planejamento, Aníbal Teixeira. Caso este deixe o ministério, como se cogita, Newton afirmou que em seu lugar "vai ter outro mineiro", mas descartou o secretário-geral do PMDB, deputado Milton Reis (MG), segundo ele, "reservado para outra pasta". Newton disse ter obtido do presidente Sarney a garantia de que "Minas não perderá nenhum espaço no governo federal."